

**MÚSICA**

# Compondo via Internet

**Uma nova tentativa de integrar a classe musical cearense é apresentada ao público a partir de amanhã**

**P**ara a cearense Aparecida Silvino, o contato com compositores de outros estados, como Zé Rodrix, Sonekka e Zé Edu Camargo, representou mais do que contatos para troca de idéias e possibilidades de desenvolvimento de sua carreira musical. Através dessa convivência, a cantora, regente e pianista se descobriu compositora. Já com uma considerável trajetória como intérprete, surpreendeu-se ao passar a escrever suas próprias canções, com o estímulo e a parceria de co-autores de outros estados, via Internet.

"Conheço essa turma do Caiubi desde 2004 e mesmo antes, com a lista de discussão m-Música, em que entrei em 2001, quando tava fazendo o meu CD 'Presente'. As pessoas da lista acompanharam toda a produção do CD e vieram a Fortaleza assistir ao lançamento", recorda a cantora, que sobe ao palco do Bar do Papai amanhã, ao lado de Marcos Vinnie (teclado), Nélio Costa (baixo) e Ricardo Pontes (bateria) para a estréia da "Terça Autoral". "Eles me chamaram pra esse show exatamente porque os meus parceiros são todos caiubistas. Vou mostrar as minhas mú-



**APARECIDA SILVINO e sua página no Clube Caiubi (abaixo): experiência junto a músicos de todo o país estimulou a musicista cearense às suas primeiras composições, em parcerias virtuais, que estarão em seu próximo CD** FOTO: ADRIANA PIMENTEL

sicas, feitas com eles, que estou cantando em shows há dois anos e começando a gravar agora que finalmente meu projeto foi aprovado na Lei Rouanet".

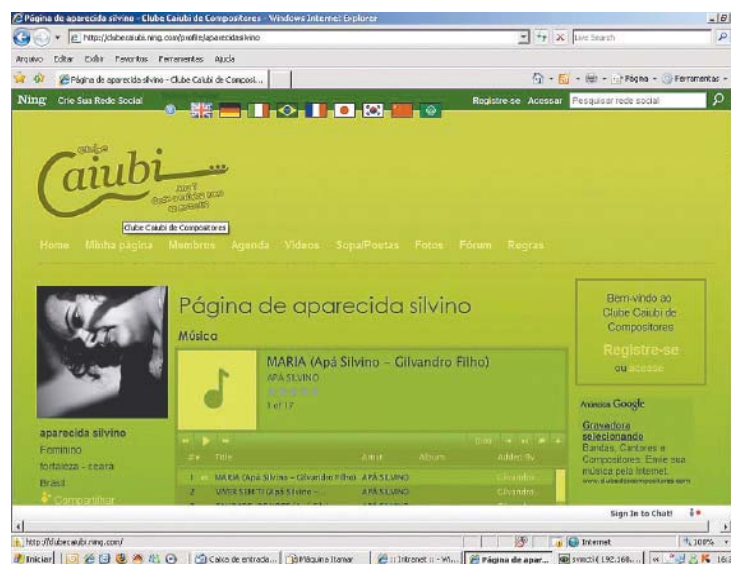
As canções já disponíveis na página da cantora no site do clube. A cantora destaca criações como "Curta a vida", parceria com Zé Edu Camargo, premiada no Festival de Inverno de Meruoca, e "Tempo", dela e de Sonekka - "uma música que vem se tornan-

do conhecida no Rio Grande do Sul, exclusivamente através da divulgação feita por amigos". Outros parceiros são os pernambucanos Gilvandro Filho e Conrado Falbo.

A cantora considera que a distância entre os parceiros não dificulta o processo de composição. "Em muitos sentidos, facilita. Inclusive pra guardar as músicas, que ficam salvas no e-mail, quando você manda", exemplifica. "Muitas vezes a música surge até a partir de conversas mesmo, como pelo MSN. Acontece muito com o Zé Edu Camargo, que pega a nossa conversa, faz uma letra e manda pra mim. E eu faço a música. Costumo fazer a melodia em cima da poesia, e geralmente fica tudo pronto, sem precisar de modificações".

**Todo mundo no palco**

Apá considera que o incentivo da rede à composição vai bem além da praticidade e da superação das distâncias. "A Internet democratizou a alma das pessoas. Hoje em dia todo mundo tem o que dizer, e tem sempre alguém pra ouvir", ressalta. "É uma coisa que o Zé Rodrix costuma dizer: o mundo vai virar um grande palco. Ninguém vai querer ser só platéia. Os vídeos de compositores do Brasil



inteiro, que a gente vê no site, são uma mostra disso".

A cantora destaca ainda a dimensão de democratização da produção musical, possibilitada por esse sistema de distribuição online. "Enquanto a globalização aparece na economia como um grande reino na Idade Média, com um imperador ditando regras e cobrando impostos, há os artistas financiados pelo rei, mas também há os outros. O artista do rei hoje tá na grande mídia, enquanto os outros são os independentes, que enfrentam dificuldades, mas saem pe-

lo mundo levando sua arte, como os antigos trovadores".

A união entre os artistas, ponto historicamente complicado no cenário musical cearense, é uma aposta da artista, a partir das "Terças Autorais". "O grande foco não é só atingir o público: é formar parceiros. Porque aqui no Ceará é difícil as pessoas se juntarem. Acho que o que o Caiubi vai trazer pro Ceará é essa união, um incentivo à coletividade, sem preocupações de mercado, e sim principalmente pelo prazer de fazer música". **o (DM)**

**ESPAÇO PARA O NOVO**

Segundo o cantor e compositor Sonekka, de Santos, responsável pela administração do site do Clube Caiubi, o acesso mensal ao braço virtual do grupo gira em torno de 220 mil page views.

A manutenção de um site com volume tão alto de informações em áudio e vídeo é viabilizada, ressalta o compositor, em função da parceria com a rede Ning, de páginas de relacionamento social, que oferece 100 gigabytes de tráfego e 10 gigabytes de armazenamento. "Como a gente é o maior 'case' de música autoral do mundo, o site com a maior quantidade de músicas autorizadas pelos próprios compositores, temos uma ótima parceria com eles", afirma Sonekka.

O compositor ressalta o objetivo coletivo e democrático do projeto. "A gente tá tentando agregar todo mundo. A idéia não é ser o descobridor da roda da música autoral, e sim encontrar quem está compondo com consistência, juntar todo mundo e fazer uma coisa forte. Enquanto as gravadoras ainda estão engatinhando na música online, o Caiubi já tá com um sistema de streaming de 8 mil músicas, postando até 100 músicas por compositor, muito mais do que outros sites".

Já a opção de download das músicas, segundo o administrador da página, poderá surgir, mas em uma próxima etapa. Por ora, as faixas em áudio e os vídeos podem ser executados, mas não baixados pelo internauta.

Atualmente, o site segue recebendo novos cadastros de interessados em ali manter suas páginas pessoais, disponibilizando suas músicas. Mas, como em outros sites de relacionamento, é preciso convite de um dos atuais integrantes.

**"TEMPO"**

(Sonekka e Aparecida Silvino)

A gente fica tanto tempo procurando, procurando  
Pra pra ver tudo o que conseguiu  
Vai tirando a poeira, lustrando, estocando  
Já nem sabe se é coisa ou sentimento

Hoje eu sei que nada disso é meu  
Nem seu, nem de ninguém  
Nem terra, nem carro, nem livro, nem abraço  
Nada é seu nem de ninguém

A gente fica tanto tempo jogando fora o tempo,

Pra ver tudo o que já não tem  
Vai curando os buracos, cerzindo as arestas  
fica certo de que não é certeza alguma

Hoje eu sei que nada disso sou eu  
Nem é você, nem é ninguém  
Nem terra, nem sarro, nem lixo, nem amasso  
Não é você, nem é ninguém  
Dentro de nós, há todo um mundo  
Além de nós, há todo um mundo  
Existe eu, fora você  
Existe você, por dentro eu

**CINEMA/CRÍTICA**

# Terapia de clichês

**Adaptação de uma peça teatral, "Divã" aposta no talento da atriz Lília Cabral para pensar um roteiro recheado de clichês e uma direção amadora**

FÁBIO FREIRE  
Repórter

**H**ollywood não se cansa de produzir filmes que funcionem como veículo para seus astros brilharem e mostrarem todo seu potencial dramático. O cinema nacional, por outro lado, ainda não aderiu totalmente à estratégia, e a maioria das produções atrai o público em função do tema social, do respaldo dos diretores ou da junção de vários rostos conhecidos. Poucos exploram a idéia de um longa carregado apenas pelo carisma e talento de um ator. Uma exceção, talvez, seja o sucesso dos dois "E Se Eu fos-

se Você...", sustentados basicamente pelas presenças de Tony Ramos e Glória Pires, nomes consagrados pela televisão.

O lançamento "Divã" mostra mais uma vez que tal filão também é viável no cinema nacional. Baseado em uma peça teatral homônima, por sua vez inspirada em um livro de Martha Medeiros, o filme só existe em função da protagonista, Lília Cabral, uma das atrizes, atualmente, mais respeitadas pela crítica e aplaudida pelo público. Tentando aproveitar o êxito da intérprete, "Divã" tenta, assim, chamar a atenção de um público bem genérico, acostumado a ver Cabral nas telinhas.

**Falta de habilidade**

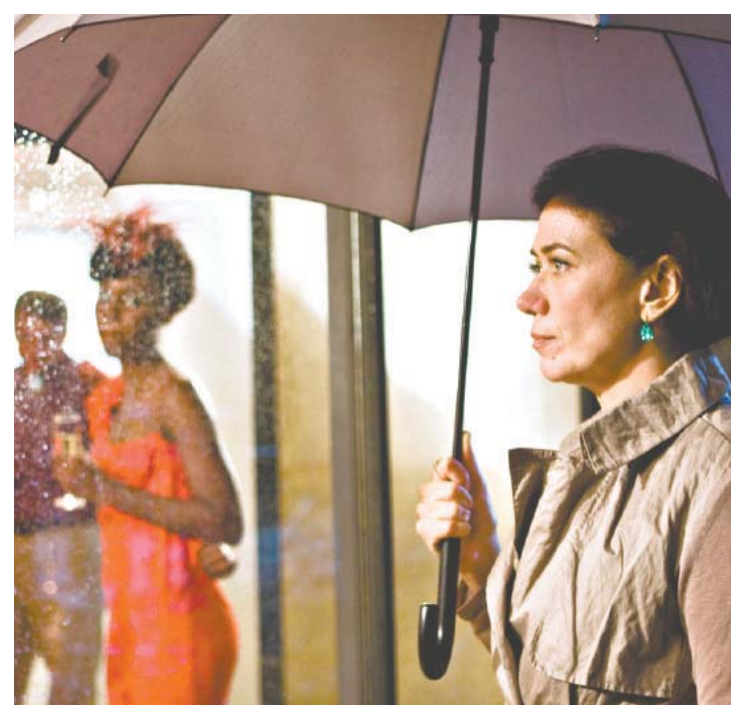
Mas, apesar da presença da atriz, "Divã" é um verdadeiro equívoco cinematográfico, comprovando que, quando querem, alguns "cinéastas" nacionais sabem fazer merda. O culpado de "Divã" são tão ruins quanto é recai, então, nos ombros nada habilidosos de José Alvarenga Jr., diretor mais afeito à televisão que não entende bulhufas de linguagem cinemato-

gráfica (responsável, entre outros, por filmes dos Trapalhães, Xuxa e a versão cinematográfica do seriado "Os Normais"). Graças à falta de sutileza do rapaz, o que no papel já deixa a desejar, quando traduzido para imagens e sons, resulta ainda pior.

A não ser pela dedicação de Lília Cabral, "Divã" é um amontoado de clichês. Alvarenga até tenta fugir da vocação teatral do texto, mas ele mergulha o filme em recursos cinematográficos óbvios e utilizados de maneira equivocada (uma piegas narração em off, flashbacks totalmente desnecessários, trilha sonora fora do lugar e closes que apelam para uma dramaticidade já explícita) e constrói várias cenas constrangedoras. O resultado é um longa sem ritmo conduzido por um didatismo que demonstra a inabilidade do diretor para comandar um produto audiovisual com verniz cinematográfico.

**Atriz e talento**

O filme se limita, então, a se sustentar apenas no texto e na inter-



**LÍLIA CABRAL demonstra, em "Divã", que seu talento não se limita à televisão e ao teatro, mas não salva o filme**

pretação de Lília Cabral. O problema é que nem o texto se salva. Inundado por frases de efeito e situações piegas, "Divã" é o que podemos chamar de arremedo de narrativa, costurada a partir das sessões de terapia da protagonista. A pobreza do roteiro transforma várias situações do filme em mero joguete para a criação de piadas visuais sem graça, sendo o ápice a cena da boate. O mesmo

pode ser dito sobre alguns personagens, introduzidos ou despachados sem o menor critério de acordo com a necessidade do roteiro (Cauã Reymond e Reynaldo Gianecchini aparecem só para mostrar o quanto são bonitos).

Então nada se salva em "Divã"? Quase isso. A tirar pela presença de Lília Cabral, que interpreta Mercedes, uma mulher de 40 e muitos anos presa

à rotina de um casamento que está perdendo o fôlego, o filme afunda. É ela que dá vida a um roteiro superficial e esquemático e busca criar uma identificação com o público ao retratar com delicadeza uma personagem que custa a assumir seu sofrimento. É o talento e o carisma da atriz (lutando com todas as armas para se sobressair em meio a um texto pobre), que fazem com que frases feitas ganhem algum sentido.

Mas como um filme não se faz apenas com uma interpretação, "Divã" é o típico produto que agrada apenas aqueles que se contentam com pouco, ou seja, o mesmo público que está acostumado a ver a mesma novela desde sempre e nunca reclamar. Cinematograficamente pobre, "Divã" é o programa ideal para os analfabetos audiovisuais. Já ara quem gosta de cinema de verdade, é puro lixo. **o**

**Mais informações:**  
"Divã" (BRA, 2009). Direção: José Alvarenga Jr. Com Lília Cabral, José Mayer, Alexandra Richter, Cauã Reymond, Reynaldo Gianecchini. Confira salas e horários de exibição no Zoeira.

**Comente**  
caderno3@diariodonordeste.com.br